

Raul
Brandão

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

A Gente Nunca
Sabe ao Certo se
da Infâmia Poderão
Nascer Coisas Belas

N.º 7

«O papel
dos doidos
é de primeira
importância
neste triste
planeta.»

RAUL BRANDÃO

Nasceu em 1867, Porto, Portugal

Morreu em 1930, Lisboa, Portugal

Esta seleção de textos de Raul Brandão,
extraídos das suas *Memórias*, publicadas em 1919,
descreve os acontecimentos do dia do Regicídio
e posteriores, entre 1 e 8 de fevereiro de 1908.

Índice

Está uma tarde linda	7
Do prefácio ao volume primeiro das <i>Memórias</i>	60

1 de fevereiro, 1908

Está uma tarde linda, azul, morna, diáfana. Converso na livraria Ferreira com o Fialho, quando entra esbaforido e pálido o pintor Artur de Melo, que conheço do Porto, e diz num espanto, ainda transtornado: — Acabam de matar agora o rei! — O quê?! — Eu vi, ouvi os tiros, deitei a fugir...

Fecham-se à pressa os taipais das lojas. Uma mulher do povo exclama: — Mataram agora o rei. Vi os que o mataram. Eram três. Dois lá estão estendidos. Passou um agora por mim, a rasto, com a cabeça despedaçada!... Há palmas para o lado da praça da Figueira. Anoitece. Um esquadrão desemboca da rua da Mouraria... Mais tarde no comboio, um empregado do Jorge O'Neill confirma: — Vi do escritório um polícia correr atrás dum dos assassinos. A certa altura caiu-lhe o chapéu: era calvo. O polícia varou-o com um tiro.

E pela narração do Melo, do Armando Navarro e de outros que assistiram, reconstituo assim a tragédia:

O comboio descarrilara. Seguia atrasado. Durante o trajeto o rei não fumou nem jogou, como costumava. Vinha apreensivo.

O Malaquias de Lemos contou que na véspera, em Vila Viçosa, o rei jogava com o príncipe. Era ao entardecer. Na chaminé um grande braseiro. Trouxeram-lhe uma carta. Para a ler melhor levantou-se, chegando-se à janela. Duas vezes a percorreu com a vista, e depois rasgou-a em bocadinhos que atirou ao lume. Petrificou-se um momento envolto na sombra... — El-rei não joga? — perguntou o príncipe. — Jogo, jogo... — Sentou-se, jogou, mas tão preocupado que quase não jantou nesse dia.

Nem uma nuvem. «Tarde sem par» — escreveu Ramalho. — Linda tarde para uma bomba — exclama uma menina da alta, na ponte da estação. Havia, é natural, um certo receio, e a duquesa de Palmela, ao ouvido de João Franco: — Não haverá perigo? — V. Ex.^a vai ver que ovação! — Tinha-lha preparada para a récita da noite, em S. Carlos. O rei e a rainha detiveram-se uns minutos, com o João Franco e o Vasconcelos Porto, que queria mandar vir um esquadrão de cavalaria para acompanhar o rei. D. Carlos opôs-se. O carro descoberto partiu a chouto, com toda a família real junta. Ao pé da estátua um grupo...

Disseminados pela Arcada alguns polícias, e, sentado num banco da praça um homem de varino, que veio, sem precipitação, colocar-se à porta do Ministério do Reino.¹

Os empregados da Fazenda tinham-no notado. Seria um bufo? Os bufos eram tantos, que se não conheciam uns aos outros. — «Eu assisti — diz o Navarro. — Fui para lá uma hora antes fumar o meu charuto. Três descargas cerradas partiram da Arcada do Ministério da Fazenda. Ficou tudo desorientado. Os polícias deitaram a fugir...» Um negociante da rua de S. Julião teve de os sacudir da escada. «Eu estava a quatro passos — confirma o pintor Melo. — Um homem subiu às traseiras do carro, olhou o rei cara a cara e deu-lhe um tiro de revólver. Vi um fumozinho branco sair-lhe do pescoço. O rei voltou-se, e, cem anos que eu viva, nunca mais me esquece a expressão de espanto daquela máscara. Disse uma palavra que não percebi bem...» — «Ao primeiro tiro — continua o Navarro — a cabeça do rei descaiu para a frente, ao segundo tombou para o lado.» O Buíça, que tirara a carabina de baixo do gabão, apontava e descarregava. O príncipe real ergueu-se — caiu varado. A rainha, louca de dor,

¹ Efetivamente, segundo nos informam... «o homem *das barbas e da carabina não saiu debaixo da Arcada* (sic) do Ministério do Reino, visto que com outros indivíduos se encontravam juntos da aludida árvore.» — *Para quê?...* por JOSÉ NUNES.

sacudia o Alfredo Costa com um ramo de flores. — Então não acodem?! Não há quem me acuda?! — Ninguém. Um cartucho falhara ao Buíça: sacou-o, e ia apontar outra vez, quando o Francisco Figueira o estendeu à cutilada. Ouvi que, logo aos primeiros tiros, alguém procurava intervir — mas uma roda de gente desconhecida protegeu-o. Sucederam-se então os tiros sem interrupção. Muita gente falou em descargas... A polícia disparava os revólveres a torto e a direito. O Correia de Oliveira esteve para ser morto: — Vinha de chapéu alto e foi o que me valeu!... Um polícia avançou direito a mim com o revólver apontado, exclamando como um doido: — Matei agora um! matei agora um!



Correu hoje que o João Franco se suicidara e que o tinham acabado a tiro quando saía do Paço.



O infante D. Afonso seguia desvairado atrás do carro, com o revólver em punho, dizendo:

– O mano nunca quis ouvir os conselhos da mãe!

Depois, no Arsenal, para onde foram conduzidos o rei e o príncipe, teve este movimento colérico: bater no João Franco.



Acusam à boca cheia o João Franco — que não tomou precauções para o rei — de se meter por um corredor quando foi ao Arsenal, e de mais tarde, endireitar por uma cavalaria, para se enfiar na carruagem. De alguns ministros diz-se que, aos primeiros tiros, se esconderam no sótão dos ministérios entre a papelada e as cadeiras sem fundo.



A rainha no Arsenal disse ao João Franco: — Veja
a sua obra...



O rei chegou ao Arsenal já sem vida; ao príncipe custou-lhe muito a morrer. Foram ungidos depois de mortos. O padre não teve escrúpulos, porque os médicos garantiram-lhe que a vida podia prolongar-se por meios artificiais.²

² «A carruagem da Família Real estava inteiramente isolada na Praça; ninguém se lhe aproximava, de modo que pude com toda a facilidade saltar para o estribo sem perigo de que algum polícia, que por ali estivesse, pensasse muito naturalmente em mandar-nos cumprimentar por uma bala, o que certamente não deixaria de suceder se algum agente da Ordem se lembrasse, como aliás seria justo, de vigiar a carruagem e de suspeitar de dois indivíduos que haviam corrido para o *landeau* real e que o seguiam, tendo de mais a mais, como deixo dito, o marquês de L... saltado para um estribo e eu para outro.

Assim atravessámos o corredor do Arsenal, onde me caiu da mão a bengala, que não levantei para não abandonar o braço de El-Rei, onde procurava as pulsações que não senti. Ao pararmos dentro do Arsenal, em frente da sala dos curativos, apercebi-me de que o capote de El-Rei tinha o cordão do ombro cortado por uma bala. El-Rei tinha o aspeto de ter morrido de congestão cerebral.

Vi-lhe as feições congestionadas e os lábios quase pretos.

Para a carruagem, que havia parado, subira do lado oposto àquele em que eu estava, a sr.^a condessa de Figueiró, chorando e gritando, abraçada ao Príncipe, que dava os últimos sinais de vida, amparado pelo visconde de Asseca e marquês do Lavradio.

Não vi, ou não me lembro, como e por que lado da carruagem, foi descido o corpo do Príncipe, pois não me ficou memória do que se passava em redor de mim, absorvido como estava em tentar reanimar El-Rei.

Recordo-me, porém, nitidamente de que em seguida, Henrique Rollin, Guilherme Ferreira Pinto e eu, auxiliados por um criado da Casa Real, descemos a muito custo o corpo de El-Rei, do assento para o fundo da carruagem, que estava inundada de sangue, e daí levantámo-lo em peso para dentro da casa dos curativos, onde o Príncipe Real estava já estendido numa maca de ferro de tela crua.

Depusemos o corpo de El-Rei sobre um colchão no sobrado, colocando-lhe sob a cabeça uma almofada, tudo sem lençol nem fronha.

Desapertei o pescoço de El-Rei e nesta nova posição a fisionomia do monarca perdeu completamente o aspeto congestionado, e por vezes lhe assomava aos lábios um fio de sangue, que tentei vedar com algodão em rama.

H. Rollin, Ferreira Pinto, Leote do Rego, eu e um empregado da biblioteca da Ajuda, cujo nome não me ocorre, conservámos amparado o corpo de El-Rei que procurávamos em vão reanimar, enquanto, perto de nós, D. Amélia Campos, o marquês do Lavradio e o visconde de Asseca prodigalizavam idênticos e não menos inúteis cuidados ao Príncipe.

Daí a uns 10 minutos, vi junto de mim o médico dr. Moreira Júnior (*) que, depois de lhe assegurarmos que o pulso de El-Rei há muito não se sentia, o auscultou e me pediu fósforos, que lhe dei, e me fez abrir os olhos de El-Rei, diante dos quais passou repetidas vezes a chama do fósforo, e lhe aproximou a mesma chama das extremidades dos dedos da mão direita, que eu segurava, depois do quê declarou que o monarca estava morto.

— E o Príncipe? — perguntei.

— Está morto também.

Em seguida lembrei a Henrique Rollin que era conveniente guardar e que ele arrecadasse os objetos que El-Rei tinha consigo e encontrámos: um relógio oxidado, que estava do meu lado, na algibeira das calças,

(*) Conselheiro Manuel António Moreira Júnior, lente da Escola Médica de Lisboa, antigo ministro.

preso à cinta por uma corrente de ouro, um lenço e um charuto, e nas algibeiras do outro lado achou-se-lhe um saco de coiro, de revólver, vazio, e não me recordo se mais objetos, mas creio que nenhum outro. Não se viu carteira.

Depois começámos a despir o corpo para que o médico verificasse as feridas e tendo-se-lhe retirado a capa e o dólman e um colete de forte casimira branca pintada de pequenas flores, apareceram por debaixo duas camisolas iguais sobrepostas, de malha cor de flor de alecrim, que cortámos à tesoura, e então tendo eu e o empregado da biblioteca da Ajuda sentado o corpo de El-Rei, segurando-o cada um de nós por um dos pulsos, com a mão livre nos revezámos a levantar-lhe a frente e verificou-se que uma das balas entrara justamente ao meio das costas no ponto da comissura das espáduas e saíra pela barba por baixo do queixo, deixando um orifício em cruz exatamente como uma lancetada; mais acima, perto da nuca e também ao meio, havia outro buraco de bala.

As costas das camisolas estavam ensopadas em sangue.

Foram as feridas lavadas e procedeu-se à aplicação de ligaduras e em seguida, sem se tirar do colchão, depusemos El-Rei sobre uma cama de ferro que ali se armou.

Trouxeram dois tocheiros e um crucifixo que se colocaram numa banca ao centro, e veio um eclesiástico, acompanhado de sacristão, que rezou o Ofício, junto de cada um dos dois mortos.

Cobrimos depois o corpo de El-Rei com a bandeira portuguesa e eu, por alvitre de H. Rollin, procurei o sr. infante D. Afonso para lhe pedir que mandasse vir fato e roupa para vestir El-Rei e o Príncipe, ao que Sua Alteza me respondeu que telefonasse eu para as Necessidades, recomendando que trouxessem para El-Rei a farda de generalíssimo.

As Rainhas encaminharam-se para a casa dos curativos para verem os mortos e eu dirigi-me ao conde de Figueiró, para que demovesse SS. MM. de irem ali presenciar aquele espetáculo, o que conseguiu.

Esteve depois o presidente do Conselho, que se demorou alguns momentos diante de cada um dos cadáveres.

Lisboa, 3 de fevereiro de 1908.

A. A. M.

CARTA DE UM DIPLOMATA PORTUGUÊS

Liberdade, 1 de fevereiro de 1919.



Do Arsenal seguiu a marcha trágica para as Necessidades; num carro a rainha e o D. Manuel, noutro carro o cadáver do rei, que a custo conseguiram meter lá dentro, e que o oficial de serviço amparava, e, no último, o duque de Bragança. Que se iria seguir? A revolução? Um negrume, o terror inesperado, afasta do Paço todos os que lá deviam estar àquela hora. Vem a noite... Se seis tambores fossem rufar para diante do Paço, a monarquia acabava hoje mesmo. Espera-se tudo, espera-se o pior. E cada um trata de não se comprometer, ou de se comprometer o menos possível...



A D. Amélia entrou no Paço toda ensanguentada.
As meias tinham-se-lhe colado às pernas, o sangue secara,
e foi preciso arrancar-lhas.



Frase cruel dum popular!

– Foi caçado como ele caçava os javardos – e em tempo defeso.



No dia dois, depois da morte do rei, foram assaltados alguns quartéis, evidentemente chamando as tropas à revolução. Em artilharia os soldados saíram das casernas e fizeram fogo: os oficiais não os puderam conter. Em Campo de Ourique houve tiroteio. No alto da Avenida ficaram estendidas vinte e tantas pessoas.



A caminho do Paço, depois do atentado, o pequeno dizia:

– Vamo-nos embora! vamo-nos embora!...

E a rainha:

– Hás de cumprir o teu dever até ao fim.

O organizador da revolta militar era Cândido dos Reis, oficial superior da armada. Muitos oficiais se reuniram no Arco do Bandeira.



Na tarde do regicídio estavam na Arcada homens com faixas à espanhola e as faixas cheias de bombas. Diz-se também que havia vários grupos postados nas esquinas até às Necessidades.



A rainha, quando o João Franco chegou ao Paço:

– Foram portugueses?

– Foram.

– Aí tem o que o senhor fez dos portugueses.

E a Maria Pia, que há muito o não pode ver:

– Diziam por aí que o senhor era o coveiro da monarquia, mas o senhor foi pior, foi o assassino do meu filho e do meu neto!

Isto cheira a frase feita, mas como esta repetem-se, insiste-se, inventam-se outras mais.



O João Franco tinha perdido a cabeça. Só ele mandava: não queria ouvir ninguém. Quando fugiu duma esquadra um homem que estava preso pelo fabrico de bombas, o juiz de instrução criminal foi-lhe dar parte do caso. Ficou furioso:

– Vá beber da merda!

– Digo a V. Ex.^a que a polícia não teve culpa...

– Vá beber da merda, o senhor e a polícia!

– Mas...

– Vá beber da merda! vá beber da merda! vá beber da merda!



P E N G U I N
L I T T L E B L A C K
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 7

A Gente Nunca Sabe ao Certo se da Infâmia Poderão Nascer Coisas Belas

Um rei cadáver, uma rainha ensanguentada, uma revolução em curso, um povo que respira de alívio. Tudo isto um homem observa e tenta relatar com a justiça que o pasmo lhe permite.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-613-4



9 789895 896134